

Estranhando o futebol: um pouso semiótico em direção ao periférico

Stranging the football: a semiotic landing towards the peripheral

Douglas OSTRUCA¹
Mariana SOMARIVA²

Resumo

Neste trabalho propõe-se refletir sobre experiências de pouso semiótico em dois bares da cidade de Porto Alegre - RS onde ocorrem exibições de jogos de futebol. Entre nossas motivações está o interesse em observar as semioses produzidas culturalmente nessas semiosferas, tendo como foco as regularidades e irregularidades que constituem os textos específicos do futebol; para isso temos como base a Semiótica da Cultura (Lotman, 1996, 1999; Machado, 2003; Velho, 1981). Ademais, a partir de Judith Butler (2015) buscamos compreender as performatividades de gênero em jogo nesses contextos. Como procedimento metodológico, experimentamos algumas propostas práticas de Kastrup (2014) para exercer uma atenção flutuante durante a observação em campo.

Palavras-chave: Semiótica da Cultura. Futebol. Performatividade de gênero. Classe social. Raça.

Abstract

In this work we propose to reflect about experiences in two bars of Porto Alegre – RS where football matches are displayed on television. One of our motivations is the interest in observing the semiosis produced culturally in these semiospheres, focusing on the regularities and irregularities that constitute the specific texts of soccer, for this we have as base the Semiotics of Culture (Lotman, 1996, Machado, 2003; Velho, 1981). In addition, from Judith Butler (2015) we seek to understand gender performativity in these contexts. As a methodological procedure we have tried some practical proposals by Kastrup (2014) to exercise a floating attention during field observation.

Keywords: Semiotics of Culture. Football. Gender performativity. Social class. Race.

¹ Mestranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: douglas.ostruka@hotmail.com

² Mestra em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: marianasomariva@gmail.com

Introdução

Neste trabalho, visitamos dois bares da cidade de Porto Alegre onde ocorrem exposições de jogos de futebol. Uma de nossas motivações é o interesse em observar as semioses produzidas culturalmente nessas semiosferas, com enfoque sobre as regularidades e irregularidades que constituem os textos específicos do futebol e as performatividades de gênero vigentes nesses contextos.

Outras semioses que emergiram nas observações levaram à percepção do atravessamento de questões de classe social e raça na relação com a semiosfera do futebol e seu sistema modelizante. Vale pontuar que nas experiências cotidianas das pesquisadoras, são encontrados alguns traços vinculados ao universo futebolístico (ou à semiosfera do futebol) que, apesar de nos serem familiares, não são conhecidos em seus meandros e complexidades e, portanto, pertencem à esfera do periférico.

Como base para traçar a reflexão contamos com observações de Yuri Lotman (1996; 1999) e Irene Machado (2003) com a perspectiva da Semiótica da Cultura. Além disso, recorreremos ao conceito de performatividade de Judith Butler (2015) para pensar as codificações de gênero produzidas nesses contextos. Ademais, nas práticas de observação em campo consideraram-se algumas pistas sugeridas por Virginia Kastrup (2014) em relação à atenção flutuante.

Uma das preocupações que surge no princípio da investigação são os estereótipos construídos no decorrer do processo de socialização, os quais estabilizam determinados pontos de vista sobre o que se encontra no cotidiano. A partir disso, leva-se em conta a necessidade de deslocar os olhares em relação ao objeto de estudo, questionar visões preconcebidas e cristalizadas, visando a percepção de complexidades que atravessam essas semiosferas (VELHO, 1981).

Desse modo, como procedimento metodológico, optamos por experimentar algumas propostas práticas de Kastrup (2014) para exercer uma atenção flutuante³. Essa

³ Kastrup (2014) sugere quatro momentos da atenção que em suma são: o *rastrinho* do campo em um acompanhamento das mudanças e processualidades; o *toque* por algo que se apresenta e salta à atenção; o *posso*, onde ocorre uma abertura de janelas atencionais; e, por fim, o *reconhecimento atento*, em que a percepção trabalha sobre a memória em forma de circuitos, configurando um trabalho de construção do objeto. Estes momentos da atenção no trabalho de campo são parte das contribuições da autora acerca da

abordagem propõe a suspensão da busca por ações ou compreensões em nível imediato, postura que pode possibilitar o encontro com o imprevisível, com aquilo que está além do que já é conhecido ou pressuposto. Além disso, o exercício da concentração sem focalização possibilita a expansão dos modos cognitivos de estar em campo, permite tatear o objeto empírico com os diferentes sentidos, estando a/o pesquisador/a aberta/o a diferentes afetos e compondo a pesquisa em conjunto com o território.

Também, devido ao fato de que este texto foi escrito “a quatro mãos”, e de que nós estivemos em campo em ambientes e momentos diferentes, propomos relatar em primeira pessoa alguns trechos dessas vivências em campo, buscando relacionar a experiência empírica às teorias elencadas aqui. Assim, alguns relatos específicos de cada pesquisadora estarão identificados no início do parágrafo como tendo sido escritos por [Douglas] ou [Mariana].

Um dos bares frequentados está localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, ele será referido no decorrer do trabalho como Bar 1, e foi visitado por Douglas. O outro bar (Bar 2), visitado por Mariana, encontra-se na Rua Padre Chagas, conhecida por abrigar vários bares frequentados pelas classes A e B da cidade.

Um rastreo teórico

Nas concepções de Yuri Lotman (1996; 1999), a cultura é tida como entrelaçamento de textos atravessados por linguagens heterogêneas que estão em interação, sendo algumas de suas funções a memória coletiva, a comunicação, a produção de sentido e a composição de programas de comportamento social. Para o semiótico, o texto constitui-se na unidade básica da investigação semiótica, sendo um espaço composto por sistemas de signos que interagem, interferem uns nos outros e conjugam-se numa determinada hierarquia.

Nesse viés, Irene Machado (2003, p. 169) destaca que o texto “é um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens”. Assim, quaisquer mecanismos portadores de códigos – e, portanto, de produção de sentido – podem ser estudados como sendo

textos: obras de arte, cerimônias, rituais, o corpo humano e imagens são alguns exemplos. No caso do objeto de estudo deste trabalho, entendemos como textos as mensagens construídas na semiosfera do futebol, tendo como foco as codificações de gênero materializadas nos contextos dos dois bares referidos. Desse modo, podemos considerar o espaço dos dois bares como textos atravessados por outros textos, os quais interagem entre si – pessoas, conversas, narrações, imagens, televisões, cores, sons, músicas, comidas, cheiros etc.

Além da noção de texto, Lotman propõe o conceito de semiosfera, o qual enquanto *continuum* semiótico ocupado por diferentes semioses (produção de sentidos) torna possível a realização dos processos comunicativos e a produção de novas informações. A semiosfera é constituída por quatro áreas: o culturalmente central, o culturalmente periférico, o não-cultural e o espaço extracultural. Em suma, o central se apresenta como o hegemônico, como aquilo que aparece com mais frequência; o periférico é parte do que uma sociedade considera sua cultura, mas não é central para esta; o não-cultural é o que causa estranhamento, aquilo que é exótico a determinada cultura; já o extracultural caracteriza-se como aquilo que é desconhecido dos membros de uma sociedade (LOTMAN, 1996; POSNER, 1995).

Outro conceito relevante no pensamento do autor é a noção de sistemas modelizantes, os quais podem ser primários ou secundários. Os sistemas modelizantes primários são as línguas naturais que funcionam como base para a construção de sistemas modelizantes secundários, dentre os quais podemos citar os gestos corporais, o vestuário, as músicas, as danças, os comportamentos, as regras de interação social, as codificações de gênero, as imagens, os dialetos, entre outras (LOTMAN, 1999). Sendo assim, os sistemas modelizantes podem ser entendidos como “sistemas de signos, como conjunto de regras (códigos, instruções, programas) para a produção de textos no sentido semiótico amplo e como totalidade de textos e suas funções correlatas” (MACHADO, 2003, p.167).

A partir disso, neste trabalho entendemos que as estruturalidades da linguagem do futebol compõem um sistema modelizante específico que, como tal, engendra determinados códigos que vão regular toda a produção de sentidos (e de textos) sobre o futebol: desde as regras para a prática do esporte até as formas como as pessoas o consomem (isto é, os códigos que caracterizam os textos produzidos, por exemplo, pelas

torcidas nos estádios, a maneira como torcedores/as agem em outros ambientes assistindo a jogos, as formas com que as pessoas consomem produtos relacionados aos seus times etc.). Nesse sentido, faremos aqui uma sondagem das possíveis articulações dos textos observados com sistemas modelizantes do futebol, com as performatividades de gênero instituídas e com alguns códigos relacionados aos recortes de classe social e raça.

Do pouso ao reconhecimento atento

Como observa Gastaldo (2010) os textos vinculados ao futebol são recorrentes no Brasil fazendo parte da cultura hegemônica, portanto estariam localizados no centro dessa semiosfera. Entretanto, como nós (as pesquisadoras) desconhecemos a complexidade dos códigos desse sistema modelizante, aqui ele aparece como sendo da ordem do espaço periférico. Isto é, nos encontramos na periferia da semiosfera do futebol, já que esse esporte não está localizado como central em nossas vivências⁴.

Embora esses pontos evidenciem certa familiaridade de nossa parte com determinados traços do texto em questão, Velho (2004) nos lembra que é preciso questionar essa suposta proximidade. O autor pontua que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (p. 126). Nessa perspectiva, ter alguma proximidade física com o objeto não basta para conhecê-lo de

⁴ Isso pode ser percebido nos seguintes relatos, em que contamos brevemente nossa relação com o futebol desde a infância: [Douglas] Na escola eu praticava esse esporte porque era obrigada, naquele contexto o sistema predominante de reconhecimento das marcas de gênero era pautado pela matriz heteronormativa. Com base nisso os meninos eram direcionados para o futebol, enquanto que as meninas para o vôlei. Como meu corpo era esguio e pequeno em relação aos outros meninos acredito que não correspondia ao que me era exigido socialmente, assim, geralmente ficava por último nos momentos de composição dos times. Além disso, eu tinha dificuldades para jogar com os meninos porque não estava disposta a levar fortes cotoveladas e boladas. Nessas situações eu prefiro assumir a posição de voyeur e acompanhar os corpos suados em interação no campo, os quais me interessam mais do que saber as regras do jogo em si.

[Mariana] Nunca joguei futebol nem nunca me interessei pelo esporte. Nas aulas de educação física, preferia jogar xadrez, única atividade que não envolvia ter que correr. Quando era obrigada a praticar algum esporte, optava por jogar vôlei ou queimada, porque estas atividades tinham outras meninas e, como não exigiam tanta habilidade, eu me sentia mais à vontade. Na minha escola, o futebol era dominado pelos meninos; poucas meninas jogavam, e, se o faziam, era porque eram reconhecidas por serem muito boas nisso. Conheço poucas regras do jogo e o nome de alguns jogadores da Seleção, mas não consigo lembrar de uma partida que eu tenha assistido do início ao fim.

fato, para isso é necessário estar aberto/a para suas semioses e tensionamentos, observar suas linguagens e desenvolver uma reflexão sistemática.

[Douglas] Eu passo pelo Bar 1 frequentemente, às vezes há concentração de pessoas até mesmo do lado de fora, na calçada. As paredes que dão para a rua têm janelas grandes de vidro, produzindo um “efeito-vitrine” e “prolongando” o campo. Como o bar costuma ficar aberto durante o dia, entre as passagens por ali sou transpassada por traços produzidos nesse texto, os quais, com o decorrer do tempo passam a fazer parte do meu cotidiano. Talvez por não ter aproximação com as semioses desse contexto no momento anterior ao início desta pesquisa não pensei em visitar o espaço, portanto essa investigação também é uma oportunidade de expandir meus olhares em relação às semiosferas futebolísticas e deslocar visões preconcebidas.

Este bar foi visitado duas vezes no decorrer da investigação, quando acompanhei os dois últimos jogos do Gauchão⁵ onde jogaram Grêmio e Brasil de Pelotas. Na primeira visita ao Bar 1 eu estava ansiosa, quando contei para os meninos que moram comigo sobre a visita ao campo chegaram a sugerir que eu poderia apanhar por não corresponder com determinados códigos de masculinidade em vigência naquele contexto. Ao entrar no bar pedi uma cerveja, o rapaz perguntou se era para levar, respondi que gostaria de acompanhar o jogo. Com base nos valores do cardápio e na localização do bar, tenho a impressão de que esse lugar é voltado para um público de classe média. O local estava cheio, mas ninguém de pé, acomodei-me na última mesa vazia, estava localizada próxima à televisão. Em um rápido rastreio no campo percebi que havia poucas mulheres e nenhuma pessoa negra.

[Mariana] Fui ao Bar 2 numa noite fria de jogo entre Flamengo e Grêmio. O estabelecimento, localizado numa área nobre da cidade, é uma espécie de loja de conveniência/bar que possui um ambiente externo, na calçada, onde são exibidos jogos de futebol. Havia uma televisão grande, um telão e uma projeção de imagens numa parede, além de mesas, bancos, puffs e aquecedores na calçada, que criam um ambiente convidativo para a clientela. Logo ao chegar, experimentei a prática da atenção flutuante e pude notar as pessoas que estavam ali para assistir ao jogo. O primeiro toque surgiu da percepção imediata de que havia poucas mulheres em meio a muitos homens. Ao abrir uma janela atencional, pude contar quatro mulheres e

⁵ Campeonato Gaúcho de Futebol.

aproximadamente 30 homens, todos brancos. Entrei na loja e observei os produtos à venda: cervejas, vinhos, destilados e alimentos, todos bastante caros. Decidi comprar a long neck da cerveja mais barata, que custou oito reais. Outro toque emergiu quando fui pagar: para minha surpresa, são os próprios clientes que registram no computador os itens comprados e que efetuam o pagamento no cartão de crédito. Havia somente um colaborador que circulava pela loja oferecendo ajuda aos clientes. Mais adiante, vi dois homens que destoavam do público presente no espaço do Bar 2 assistindo ao jogo: eles eram negros, estavam segurando sacos de lixo, sentados um pouco afastados do restante das pessoas e compartilhando uma bebida que estava dentro de uma garrafa PET. Caminhei até a calçada onde as pessoas estavam concentradas e me sentei num banco, ao que fui chamada à atenção novamente quando percebi que algumas pessoas estavam bebendo vinho. Era a cara da riqueza.

Em ambos os relatos, é possível apontar a ausência de pessoas negras nos espaços visitados, com exceção da presença de dois homens negros com sacos de lixo que permanecem a uma certa distância dos clientes do Bar 2. Isso indica a marginalização dessas pessoas em relação aos ambientes em questão. Além disso, o distanciamento dos dois homens também pode indicar certo receio em relação aos frequentadores daquele espaço. Dessa maneira, nessas experiências de rastreamento em campo, pudemos perceber alguns atravessamentos do sistema modelizante de gênero e das questões de classe social e raça na interação com o sistema modelizante do futebol.

No Bar 2, no caso da intersecção do futebol com o que poderíamos chamar de sistema modelizante econômico-social, observam-se certas irregularidades e imprevisibilidades, pois se trata de um esporte popular num país de enormes desigualdades. Obviamente, as imprevisibilidades não se constituem na simples verificação de que a elite econômica aprecia futebol, mas sim na observação de outras semioses. Assim, ressalta-se que os textos construídos culturalmente em relação ao futebol – sobretudo através da publicidade – costumam evidenciá-lo como um esporte popular, associando-o ao consumo de cerveja; vinho é uma bebida regularmente associada a ocasiões de requinte, mais voltada às classes abastadas, dificilmente vinculada ao futebol. Portanto, pode-se pensar que a forma de consumo do futebol por parte da elite observada constitui-se como irregularidade em relação ao padrão consolidado midiaticamente.

Ademais, o fato de estas pessoas estarem vendo um jogo num local em que elas mesmas são autorizadas a registrar o pagamento daquilo que consomem sugere a pressuposição, por parte do estabelecimento, de que se trata de clientes idôneos, bem-educados, que provavelmente irão pagar a conta corretamente. Aqui, a imprevisibilidade reside na inexistência desse sistema de pagamento em lojas/bares localizados em regiões menos nobres da cidade (ao menos de acordo com os lugares que nós conhecemos). Logo, essa verificação implica constatar que idoneidade e boa educação estão sendo associadas, nesse caso, a pessoas de maior poder aquisitivo – do contrário, existiriam bares com esse mesmo sistema na “quebrada”, por exemplo, ou até mesmo no Bar 1, frequentado por pessoas de classe média.

No caso do atravessamento de gênero ressaltamos que nos dois bares havia menos mulheres presentes do que homens, questão que parece ressoar nas vivências das autoras ao lembrarem do futebol como reservado preferencialmente aos meninos desde a escola. Desse modo, entendemos que esses casos podem indicar a desigualdade de gênero no futebol. Além disso, vale retomar a reação dos rapazes que moram com Douglas quando ela anuncia a visita ao campo, bem como o estranhamento por parte do atendente do Bar 1 quando ela pede uma cerveja para tomar ali mesmo. Nessas situações percebe-se que quando se tem como base as normas de gênero em matriz heteronormativa⁶ o futebol e seus espaços de socialização aparecem como dados *a priori* aos homens cisgêneros e heterossexuais.

Em consonância a isso, Judith Butler (2015) propõe que as performatividades de gênero são produzidas através da reiteração de determinadas normas sociais que constituem codificações de feminilidade e masculinidade com base na matriz binária e heterocentrada. Nessa perspectiva, entende-se que no decorrer do tempo essas repetições são estabilizadas produzindo o efeito de naturalidade, garantindo uma suposta fixidez para os padrões de gênero. Desse modo, a autora pontua que essa produção estratégica do gênero essencializa determinadas marcações culturais nos termos binários de masculino/feminino, mulher/homem, heterossexual/homossexual, onde um polo agrega valores positivos e preponderantes em relação ao outro.

⁶ Esse termo faz referência ao sistema que impõe as normas de sociabilidade heterossexuais como sendo o padrão para todas as relações.

[Douglas] No intervalo as televisões foram colocadas no mudo, começou a tocar uma música do “Arctic Monkeys” de fundo enquanto as pessoas interagiam e conversavam descontraídas, eu já estava me sentindo mais confortável. Nessa situação, troquei a janela atencional e rastreei visualmente o ambiente, fui tocada pela imensa quantidade de imagens coladas nas paredes, muitas cores e textos, também percebi as cores do Grêmio (azul, branco e preto) que se repetiam nos uniformes vestidos por muitos dos torcedores, o que pode caracterizar certa previsibilidade em relação a ser um lugar frequentado por gremistas, garantindo o que Gastaldo (2010) chama de “pertencimento afetivo” ao território. Além disso, o ambiente era decorado com camisetas de times autografadas, bandeiras (algumas de países, outras de times) e, também, espécies de cachecóis de lã, traços que podem estabelecer a função de memória coletiva. Os textos colados nas paredes me tocaram de modo singular, existia um padrão evidente de repetição que levava ao contexto do futebol – times completos, jogadores em campo, caricaturas, dentre as quais reconheci apenas o Ronaldinho Gaúcho e o Pelé.

A partir de Lotman (2004) pode-se falar de certa redundância dos textos em torno do futebol, o que leva a certa regularidade que constrói a identidade do espaço. Entretanto, um dos elementos que pode ser considerado uma irregularidade é a montagem da personagem “Mamba Negra” do filme Kill Bill que é colocada sobre um campo de futebol, é uma das únicas performances com traços codificados de feminilidade vistas entre as imagens. Neste ponto há um compartilhamento imprevisível de traços entre dois universos distintos, o cinema de Tarantino e o futebol, que se encontram e criam um novo texto. Entretanto, confirmando as experiências trazidas anteriormente, parece existir certa previsibilidade em relação à invisibilização das mulheres nessas semiosferas⁷.

No Bar 1, além da imagem da Mamba Negra, a outra colagem que continha traços de feminilidade estava em uma parede diferente, destacada das demais imagens por um foco de iluminação direta. Era um desenho digital que olhava para o espectador de costas fazendo uma pose sensual, sua bunda estava em primeiro plano. Em relação ao público do Bar 2, todas as quatro mulheres estavam acompanhadas por homens, os

⁷ Essa questão também é abordada por Silvana Vilodre Goellner em “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (2005) e por Fábio Franzini em “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” (2005).

quais pareciam ser seus cônjuges. Nesse sentido, podemos considerar que há estabilidade e previsibilidade em relação à matriz heterocentrada, sendo o espaço reservado à mulher na memória coletiva do texto em questão restrita aos padrões performativos heteronormativos. Por outra parte, nos dois bares pudemos observar uma série de regularidades e previsibilidades em relação aos códigos que permeiam a semiosfera do futebol.

Estranhando o futebol e produzindo conexões

[Douglas] No decorrer da observação no Bar 1, notei três momentos em que a homossexualidade foi referida, quando um jogador expulso discute com o juiz ouve-se “Isso é uma bichona”, em outra situação um torcedor alterado grita seguidamente “Chupa meu pau! Chupa meu pau!”, por fim, o termo “viado” é utilizado como xingamento. Essas expressões podem revelar determinados traços que através da repetição produzem um efeito de naturalização da violência para com determinados grupos nesses contextos. Entretanto, isso não significa que transformações e leituras desviantes não possam ser produzidas, já que os múltiplos corpos masculinos, suados e voluptuosos, apresentados nas colagens e nas próprias imagens da televisão, também podem dar abertura para compor com os desejos de um público formado por pessoas que deslocam e transbordam as lógicas heteronormativas.

Portanto, consideramos que se uma torcida⁸ composta por tais indivíduos em algum momento entrar em contato com os textos hegemônicos dessa semiosfera, podem ocorrer tensionamentos e, conseqüentemente, reconfigurações de sentidos, podendo levar à subversão da ordem estabelecida nas regiões mais centrais da semiosfera. Essa situação se configuraria, então, como imprevisibilidade, trazendo à tona sentidos latentes vinculados aos fluxos homoeróticos⁹ que podem circular nesses contextos.

⁸ No livro “Coligay: tricolor e de todas as cores” (2014) Leo Gershman fala da torcida gay do Grêmio nos anos 1970, que durou cinco anos.

⁹ Esse ponto poderia ser desenvolvido a partir de observações das relações de intimidade implicadas nos jogos de futebol, o que pode evidenciar certo paradoxo, já que é um espaço onde se exige determinadas estilizações de masculinidade e ao mesmo tempo podem haver trocas afetivas mais íntimas e insinuações como a que foi dita no Bar 1 - “chupa meu pau”. Outra possibilidade seria analisar pornôs homoeróticos vinculados ao tema futebol.

Assim, é importante ressaltar o caráter dinâmico da semiosfera, que possibilita os tensionamentos e intercâmbios entre sistemas situados nas regiões periféricas e sistemas hegemônicos, situados no centro. Além disso, ao romper com o movimento contínuo e gradual, a imprevisibilidade pode transformar as estruturas dos textos. Também, os diferentes estratos de um texto podem se desenvolver em diferentes velocidades, logo, enquanto um nível produz descontinuidades, outros podem decorrer em progresso gradual (LOTMAN, 1996, 1999).

Como exemplo de previsibilidade trazemos as regras do jogo de futebol que podem ser compreendidas como outro sistema modelizante secundário, sem o qual haveria dificuldades de compreensão sobre o tipo de jogo. Em relação a isso, no Bar 1, quando um dos jogadores colocou a mão na bola uma das pessoas presentes se manifestou dizendo que este jogo não era vôlei, marcando a diferença entre os esportes, mas, também, reafirmando a regra de que no futebol não se pode “tocar a mão nas bolas” (ao menos não em público).

[Douglas] Depois do intervalo, já no segundo tempo, notei as reações das pessoas em relação ao que decorria no jogo. O Grêmio marcou quatro gols, como era um lugar majoritariamente frequentado por torcedores desse time, houve muitos gritos e palmas que me transpassaram. Nesse primeiro dia de observação as intensidades estavam mais contidas, um rapaz se destacava por dar tapas nas próprias coxas quando o Grêmio marcava, ele também se levantou eufórico algumas vezes. As mulheres presentes nesse dia estavam acompanhadas por homens, com exceção de uma das mesas que era ocupada por três moças que não falavam alto nem gritavam no momento dos gols. Já no último jogo do Gauchão, também contra o Brasil de Pelotas, o Bar 1 estava lotado, quente e abafado, o narrador competia com os murmúrios ali produzidos, permaneci de pé. Nos gols, os gritos eram ensurdecedores, me atravessaram intensamente. As pessoas estavam conectadas na televisão, suas reações estavam em consonância com os acontecimentos do jogo, entretanto, havia diferenças de atenção e dispersão. Algumas pessoas permaneceram do lado de fora, na calçada, acompanhavam o jogo através do vidro. Dessa vez havia mais mulheres, mas o número de homens ainda era perceptivelmente maior. Chamou-me atenção uma moça que estava sozinha, ela bebia cerveja no bico e gritava junto com os homens quando o Grêmio fazia gol, suas estilizações corporais transitavam entre as codificações de

feminilidade devido às roupas e ao corte de cabelo e as de masculinidade já que parecia despreocupada com manter a postura imposta às mulheres, o que a destacava em relação às demais mulheres presentes no ambiente. No segundo dia de observação no Bar 1, uma moça segurava uma bandeira do Rio Grande do Sul com o símbolo do grêmio no centro, o que pode evidenciar determinados laços afetivos entre a territorialidade dos torcedores e os times de futebol. Ressalta-se que esta colocação não deve ser compreendida como regra de previsibilidade, já que nada impede que pessoas torçam para times que não sejam provindos dos seus lugares de origem. Em relação a isso Gastaldo (2010, p. 314) pontua que

o ‘pertencimento clubístico’ é, no Brasil, uma escolha importante, frequentemente mediada na infância por relações familiares e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações, que estabelece aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas identitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional”.

Por esse ângulo também é válido pontuar que um dos enunciados produzido pelos torcedores no final do jogo ganho foi “o Grêmio vai pro mundial e o Inter não” o que demonstra o funcionamento da lógica identitária colocada por Gastaldo e, também, a disputa expressa através da jocosidade que é trabalhada com mais afinco pelo autor.

[Douglas] Ainda no Bar 1 me chamou atenção a conexão entre as pessoas, principalmente no final do jogo ganho, havia demonstrações de afetividade como abraços e beijos no rosto, independente do gênero dos/as torcedores/as que comemoravam uma conquista coletiva. As pessoas cantavam em uníssono o hino do time, esse foi um dos momentos de deslocamento no decorrer da observação, já que eu não conhecia o texto cantado.

Acredita-se que o hino, junto com as bandeiras e uniformes dos times, são elementos importantes para estabelecer a identidade comum dos torcedores. No caso dos hinos parecem estar envolvidos diferentes sistemas modelizantes, como a composição instrumental da música e o modo como as palavras são organizadas, formando diferentes enunciados de acordo com cada time.

Considerações finais

Apontamos que, nos dias em que os bares foram visitados, havia predominantemente homens com estilizações corporais codificadas em traços de masculinidade marcados pelas heteronormas, as poucas mulheres presentes também repetiam as marcações de feminilidade em conformidade com os padrões hegemônicos, com exceção da moça pontuada anteriormente no Bar 1. Entretanto, por mais que ocorra a manutenção das performatividades de gênero de acordo com a matriz heteronormativa, é preciso levar em conta que as posturas corporais, gestos, tons de voz ganham maiores amplitudes nos espaços dos bares, apresentando códigos de comportamento diferentes daqueles aceitos em outros espaços, o que os configura como lugares de descontração. Desse modo, ressalta-se que em determinados estratos ocorre o rompimento com a previsibilidade de outros espaços e em outros são estabelecidas regularidades próprias ao contexto, as quais foram demonstradas no decorrer do texto.

Além disso, nesse trabalho, foi notável a produção de tensionamentos devido às diferenças entre os códigos das pesquisadoras e os códigos que regem os sistemas dos espaços observados, o que produziu deslocamentos em relação às nossas próprias perspectivas iniciais.

[Douglas] Na primeira visita a campo eu estava nervosa e ansiosa com a experiência, o primeiro deslocamento foi estar sozinha em um ambiente diferente dos espaços que costumo frequentar. No decorrer do processo de observação me senti invisível, as pessoas estavam preocupadas com o jogo e não me notaram, com exceção de um momento em que fui pega no ato de observar por uma moça. Outro ponto foi quando o garçom comentou “isso é uma bichona” em relação ao que ocorria no jogo, esse enunciado produziu certo impacto em mim já que me é bastante familiar. Ademais fiquei bastante constrangida por não saber o hino, permaneci parada olhando em diferentes direções com receio de ser identificada como intrusa pelos torcedores.

[Mariana] Notei em mim um duplo deslocamento na observação do Bar 2, devido à percepção das questões de classe e gênero postas muito claramente. Além do fato de eu estar promovendo um deslocamento em meus próprios códigos indo assistir a um jogo de futebol, houve também tensionamentos que, primeiramente, geraram a

sensação de não pertencimento a um ambiente ao mesmo tempo elitizado, masculinista e heteronormativo. No entanto, ao longo do jogo, concomitante às observações, me permiti apreciar aquela atmosfera (aquela semiosfera), permiti que os afetos fluíssem e consegui perceber que aquelas mulheres, embora estivessem acompanhadas por homens, estavam exercendo ali seu pertencimento a essa semiosfera que culturalmente as afasta para as fronteiras, para o periférico. Os dois homens negros que assistiam ao jogo mais afastados do restante das pessoas e que pareciam estar trabalhando como catadores de lixo também constituíram-se, naquela semiosfera, como irregularidades. Ao mesmo tempo, ao estabelecerem sua presença naquele local, fizeram emergir tensionamentos, deslocamentos, evidenciando a desigualdade social e racial no país. Outra semiose inequívoca das opressões de classe e raça advém do fato de que os dois homens negros estavam afastados do resto das pessoas, como se intuitivamente acreditassem não pertencer àquele ambiente, e, ainda, como se aquele texto, composto de gente branca rica bebendo vinho em taça lhes parecesse demasiadamente hostil, demasiadamente periférico em relação às suas vivências. Contudo, como já observado, sua própria presença naquele local já pôde produzir tensionamentos que, no mínimo, evidenciam as opressões responsáveis por manter as fronteiras entre esses sistemas modelizantes. No meu caso, estando ali como mulher lésbica e não pertencente à elite, me percebi também tensionando esses códigos que estavam no âmbito do periférico em minha experiência.

Por fim, ressalta-se que este estudo foi uma sondagem do campo através de uma lente provinda da Semiótica da Cultura. No decorrer do texto traçamos algumas possíveis relações da nossa experiência com a noção de performatividade de gênero e levantamos alguns pontos vinculados a questões de classe social e raça. Compreende-se que um estudo mais sistemático e com mais tempo de observação seria necessário para desdobrar as colocações aqui levantadas. Ainda, fica evidente o caráter complexo das semiosferas futebolísticas, havendo diferentes linguagens, tensionamentos e irregularidades, mas, também, processos de diferenciação, de segregação, de hierarquização e manutenção das normas de opressão de gênero, classe social e raça cristalizadas em nossa sociedade.

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão a identidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**. v.16, n.2, p311-325, 2010.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; DA ESCÓSSIA, L. (Org). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LOTMAN, Y. M. **Cultura y explosión**. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

LOTMAN, Y. M. **La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Y. M. Sobre las paradojas de la redundancia: el lenguaje artístico y la historia. **Entretextos**. n.4. nov.2004

MACHADO, I. **Escola de Semiótica**. São Paulo: Ateliê, 2003.

POSNER, R. O mecanismo semiótico da cultura. In: RECTOR, M.; NEIVA, E. **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VELHO, G. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.